

MATERIAIS PROTO-HISTÓRICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA)

PROTO-HISTORICAL MATERIALS OF CRESTUMA CASTLE (VILA NOVA DE GAIA)

António Manuel S. P. Silva

Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia na Universidade de Santiago de Compostela; CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP); Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR – Confraria Queirosiana)
amsilva@hotmail.com.

Laura C. P. Sousa

Doutoranda em Estudos do Património – Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP); Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR – Confraria Queirosiana)
laura_sousa@hotmail.com.

Filipe M. S. Pinto

Arqueólogo; CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP)
filipempinto@gmail.com.

RESUMO

O Castelo de Crestuma, que tem vindo a ser objeto de trabalhos arqueológicos desde 2010, é particularmente conhecido pela sua ocupação no período tardo-antigo, evidenciando uma rara densidade de vestígios de estruturas negativas e restos de dispositivos de tipo portuário. Todavia, desde o começo das escavações que vem sendo recolhido espólio proto-histórico, essencialmente cerâmico mas incluindo também alguns objetos metálicos. Apesar de tais materiais estarem em contexto secundário e não terem ainda sido localizadas quaisquer estruturas ou depósitos desta época, considera-se que uma primeira análise destes elementos tem significativa utilidade, quer para o estudo do sítio quer para a sua compreensão no âmbito do povoamento proto-histórico à escala regional.

Palavras-chave: Proto-história; Cerâmica; Metalurgia; Crestuma; Vila Nova de Gaia.

ABSTRACT

Crestuma Castle, which has been the object of archaeological work since 2010, is particularly known for its occupation in the late-antiquity period, evidencing a rare density of traces of negative structures and remains of port-like devices. However, since the beginning of the excavations some proto-historic artifacts, essentially ceramic but also some metallic objects, have been collected. Although such materials are in a secondary context and no Proto-historical structures or deposits have yet been located, it is considered that a first study of these elements has significant utility, both for the study of the site and for its understanding in the proto-historical settlement on a regional scale.

Keywords: *Proto-history; Ceramic; Metalurgy; Crestuma; Vila Nova de Gaia.*

1 – O SÍTIO: HISTORIOGRAFIA E ARQUEOLOGIA

O Castelo de Crestuma é uma elevação com altitude máxima de 57 m, situada na margem sul do rio Douro, a aproximadamente 17 km da sua foz, na freguesia de Crestuma, concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto e região Norte de Portugal Continental¹.

O sítio instalou-se sobre um esporão rochoso, assente num substrato litológico metassedimentar de xistos, metaconglomerados, metagrauvasques e outras rochas, ladeado por dois pequenos areais onde desaguam linhas de água tributárias do Douro: a montante ou nascente, o areal do Esteiro; e a jusante ou poente, o de Favaio ou Favais (Fig. 1). A propriedade dos terrenos é em parte do Município e em parte de particulares, estando atualmente instalado nos terrenos municipais o Parque Botânico do Castelo inaugurado em setembro de 2009.

Segundo o Padre Luís Cardoso (1751: 755), o topónimo *Crestuma* deriva da aglutinação do substantivo *castro* com o nome do rio *Uíma*, que desagua no Douro poucas centenas de metros a nascente da colina do Castelo, e o mesmo autor relatava que no lugar “se divisão vestígios de um Castello, a que antigamente chamavão *Castrum*” (*Ibidem*), aparentemente aludindo ao local de que tratamos. Mais de cem anos depois Pinho Leal mencionou também os vestígios de “uma torre ou castelo” que integrariam o mesmo castro que terá dado nome à freguesia (LEAL 1874: 447).

Já no século XX, Arlindo de Sousa noticiou o achado nas proximidades do Castelo de necrópoles, de provável cronologia romana e medieval, restos arquitetónicos e cerâmicas romanas, observando que no monte existiam “muitas covas redondas e rectangulares [...] cavadas na pedra firme”, para além de muitas pedras lavradas de granito, rocha estranha à geologia local (SOUSA 1957: 17-18), tendo classificado o sítio como uma “estação lusitano-romana” (SOUSA, 1945:

¹ Coordenadas geográficas centrais: 41°04'06.97"N e 8°30'12.53"O (WGS84).



Fig. 1. O Castelo de Crestuma, visto da margem norte do rio Douro. A nascente (do lado esquerdo na foto) situa-se o areal do Esteiro, e a poente o areal de Favais. Foto: AMS/GHAP.

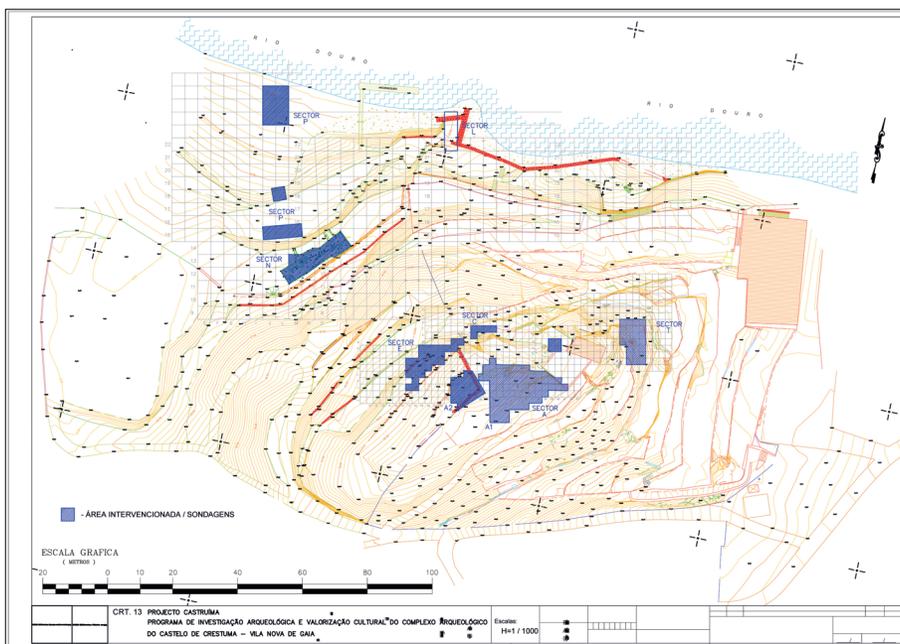


Fig. 2. Planta das áreas escavadas no Castelo de Crestuma. Os vestígios proto-históricos concentram-se em dois setores (P e N) do sopé noroeste. Levantamento: Multimapa/GHAP.

405, nota 5). Mais tarde C. A. Ferreira de Almeida interpretou o sítio como um castelo do período da Reconquista com antecedentes proto-históricos, ou pelo menos tardo-romanos (ALMEIDA 1978: 11, 36, 51), realçando mais tarde a sua ocupação tardo-antiga (ALMEIDA 1989: 43; 1992: 374). Outros autores referiram-se ainda ao sítio (GUIMARÃES 1993a; 1993b: 20; SILVA 1994: 66), mas pouco puderam acrescentar à sua natureza ou cronologia em função dos vestígios visíveis. Entretanto, em resultado de destruições provocadas por algumas obras públicas, que deixaram à vista materiais arqueológicos mais significativos, foi sendo crescentemente reconhecida a importância e a extensão do complexo arqueológico (GUIMARÃES; GUIMARÃES 2001; SILVA 2007).

Em 2009, no âmbito da instalação do Parque Botânico, o Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia deu início ao programa *CASTRUÍMA*, visando a investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma, tendo desde então sido realizadas seis campanhas de escavação e reconhecimento (2010-2015). Os resultados desses trabalhos têm vindo a revelar uma zona arqueológica que se destaca pela sua amplitude, quer cronológica, abrangendo desde a Proto-história à Contemporaneidade, quer pela distribuição espacial dos vestígios, existentes não só na colina do Castelo como em toda a frente de rio, a montante e a jusante, numa extensão de cerca de 350 m, e também na elevação vizinha do Outeiro, imediatamente a sudoeste.

As evidências confirmadas pela pesquisa arqueológica passam por sepulturas medievais, o traçado de um caminho antigo, vestígios de muros e, especialmente, uma assombrosa quantidade de entalhes e “buracos de poste”, de diferentes tipologias, sugerindo a grande densidade de construções em madeira que ocupariam toda a colina, do topo até à margem do rio, onde certamente estariam instaladas estruturas de tipo portuário (Fig. 1).

A ocupação do monte do Castelo foi escalonada em cinco fases: Proto-histórica, Romana, Tardo-Antiga, Medieval e Moderna/Contemporânea, distribuição que de algum modo tem orientado as publicações efetuadas no âmbito do projeto de investigação². Neste trabalho destacamos os materiais arqueológicos de cronologia proto-histórica, por enquanto procedentes apenas de depósitos secundários e que são o único testemunho, até ao momento, da ocupação do Castelo de Crestuma nesta época.

2 – OS MATERIAIS PROTO-HISTÓRICOS

Muito embora a ocupação do Castelo durante a Proto-história tivesse sido sugerida nas primeiras notícias sobre o sítio (SOUZA 1945), tal não resultou evidente nos trabalhos arqueológicos iniciais, dada a dominância dos materiais romanos e tardo-antigos e a completa ausência de estruturas atribuíveis à ocu-

² Cf. em particular SILVA; GUIMARÃES 2011; 2013; SILVA 2013; 2014; SILVA *et al.* 2017.

pação do local em tempos pré-romanos, mas a progressiva identificação de um grupo de cerâmicas de pastas micáceas e a ocorrência de alguns itens metálicos característicos permitiram confirmar esta fase de ocupação. Embora a ocorrência deste conjunto ergológico tenha já sido assinalada em alguns estudos de conjunto (SILVA; GUIMARÃES 2013; SILVA; PEREIRA; CARVALHO 2015), as cerâmicas proto-históricas ainda não tinham sido objeto de atenção particular, ao que este artigo serve de ensaio introdutório. Trataremos primeiramente da cerâmica, deixando para a parte final a referência a outros objetos.

A primeira nota a fazer diz respeito à quantidade e distribuição deste grupo ceramológico (Tabela 1), verificando-se a sua baixa densidade, pois não atinge sequer os 4% entre os cerca de 12 800 fragmentos de cerâmica doméstica exumados no Castelo de Crestuma e também a sua concentração quase exclusiva nos setores escavados no sopé noroeste da elevação (Fig. 2), onde chega a representar 5% das recolhas, sendo inexistente ou residual nas outras áreas intervencionadas.

A observação preliminar deste meio milhar de fragmentos de louça da Idade do Ferro revela significativa fragmentação, rolamento e poucas possibilidades de reconstituição formal, como é típico de contextos deposicionais secundários. O fabrico das vasilhas denuncia na quase totalidade o uso da roda de oleiro, documentando-se em menor percentagem os traços mais irregulares que por vezes se atribuem ao “torno lento”, ou seja, provavelmen-

te uma roda baixa ou movimentada com menor perícia; a modelação exclusivamente manual não parece registar-se ou será muito pontual. As pastas argilosas apresentam tonalidades que variam entre o castanho (mais ou menos escuro ou acinzentado) e o laranja, caracterizando-se pela abundância de moscovite nas superfícies, por vezes em grossas pastilhas³; o exame macroscópico dos cernes revela cozeduras variáveis, produzindo ora matrizes mais duras e compactas, ora pastas mais friáveis, utilizando-se ordinariamente os grãos de quartzo como desengordurante⁴.

A determinação do quadro formal é muito dificultada pelo estado muito fragmentário das amostras. Os bordos são ordinariamente extrovertidos, muitas vezes em aba e com lábio arredondado ou terminado em bisel. Os exemplares ilustrados (Fig. 3) são representativos dos tipos mais comuns e apresentam evidentes analogias com materiais de povoados proto-históricos próximos como o castro de Romariz, em Santa Maria da Feira (SILVA 2007; CENTENO; OLIVEIRA 2008; CENTENO 2011), ou o castro de Ovil, em Espinho (SALVADOR; SILVA 2004; 2010),

³ Esta característica é importante porque, na ausência de contextos homogêneos e sendo raras as decorações ou os elementos formais significativos, é a pasta micácea das louças que nos tem servido de indicador cronológico, o que, deve anotar-se, pode ter levado ao subregisto de eventuais cerâmicas proto-históricas com fabricos não micáceos.

⁴ Não temos ainda dados quanto à origem das argilas utilizadas nesta cerâmica, prevendo-se o recurso a análises por Fluorescência de raios X para a determinação da sua constituição química e eventual confronto com barreiros ou conjuntos coevos analisados.

Tabela 1
Cerâmica proto-histórica do Castelo de Crestuma.

SETORES	BORDOS	ASAS	PANÇAS	FUNDOS	DECORADOS (panças)	OUTROS	TOTAL	%
Topo (A)	1	2	12				15	3,0
Encosta (C, E, T)		1					1	0,2
Sopé (B, N, G)	81	12	360	19	10	2	484	96,6
Outros		1					1	0,2
Totais	82	16	372	19	10	2	501	100,0

a par de naturais afinidades com a generalidade da ergologia cerâmica da 2.^a Idade do Ferro do Norte do País (SILVA 2007; MARTINS 1990; ALARCÃO; SANTOS 1996: 290-296).

Nas cerâmicas proto-históricas de Crestuma a espessura das paredes e o diâmetro da maior parte dos bordos e dos fundos sugerem geralmente peças de média ou larga dimensão (panelas, potes, talhas), sendo mais raros os potinhos e as formas mais delgadas de pasta mais fina, mais depurada na sua preparação e de tratamento externo mais cuidado. Os fundos são sempre planos e as asas, raras, cingem-se no geral às peças de pequena dimensão e têm secção triangular ou em rolo. Uma das poucas formas que o material recolhido ilustra com clareza respeita ao grupo dos alguidares ou tachos de asa interior, documentando-se principalmente asas largas de secção oval ou subretangular e, em casos mais pontuais, de secção circular (Fig. 4).

Recorrendo aos paralelismos do catálogo das cerâmicas do castro de Ovil (SALVADOR; SILVA 2004), ensaiámos uma primeira organização formal de um conjunto de bordos, cruzando a sua morfologia com os diâmetros de abertura

(Fig. 3). Embora uma quantificação rigorosa seja difícil, pelas razões apontadas, observa-se um claro predomínio de peças de grandes dimensões, de bordos esvasados, muitas vezes em aba, com diâmetros de boca superiores a 20 cm e que por vezes rondam os 40 cm, aberturas a que devem responder muitos fundos igualmente com diâmetros compreendidos entre os 20 e os 34 cm, pelo que se trata certamente de talhas ou potes de armazenamento (Fig. 3, n.^{os} 7-8, 10-16), bem documentados em Ovil (SALVADOR; SILVA 2004: 75-83), como em Romariz e em muitos povoados do Noroeste (SILVA 2007: 609-612).

Da forma conhecida em Ovil como panela (SALVADOR; SILVA 2004: 68-72), caracterizada por apresentar dimensões menores e o perfil mais sinuoso, descrito habitualmente como em S, parecem também identificar-se em Crestuma alguns exemplares (Fig. 3, n.^{os} 6 e 9), ordinariamente com diâmetros de boca na ordem dos 19-20 cm. Os morfotipos de menor diâmetro de boca (10-15 cm), correntemente de paredes mais finas e melhor tratamento de superfície (Fig. 3. 1 a 5) parecem corresponder a potinhos, púcaros e talvez um ou outro cântaro,

de colo mais alto (SALVADOR; SILVA 2004: 68-86).

A decoração é bastante rara, estando registada apenas numa dezena de fragmentos, correspondendo a 2% do conjunto cerâmico proto-histórico. Ocorre na pança ou no colo dos recipientes e evidencia o uso das técnicas correntes na cerâmica dita castreja: a incisão linear e a impressão por estampilha de motivos padronizados, verificando-se ainda o punçãoamento, não tendo sido registados decoração plástica, polimento brunido ou outras técnicas. Os exemplares ilustrados exibem círculos concêntricos feitos pela impressão descontínua de uma matriz subcircular (Fig. 5, n. 4), num caso sobrepostos por uma fiada de escudetes preenchidos por pontos (n. 1); ocorre ainda num fragmento o que parece ser uma banda horizontal segmentada com motivos em S (n. 5), noutra uma aparente banda com impressões verticais (n. 3) e ainda o tema, igualmente bem conhecido, das estampilhas lineares com motivos em aspa, tipo pegada de ave (Fig. 5, n. 2). Os restantes fragmentos com decoração mostram apenas linhas incisivas horizontais, caneluras e num caso uma aparente banda de círculos segmentados verticalmente pelo diâmetro máximo, de igual modo semelhante pedomorfos.

A utilização dos motivos e organizações decorativas como indicador cronológico da cerâmica proto-histórica levanta legítima discussão para a qual este texto pouco pode contribuir, tão escassa e fragmentária é a ornamentação registada em Crestuma. Não obstante, recorrendo mais uma vez aos paralelos próximos de

Romariz e Ovil, constata-se que os temas do nosso conjunto estão entre os mais recorrentes das fases tardias da ocupação daqueles castros, podendo quando muito recuar em Romariz à Fase II de A. C. Ferreira da SILVA (2007: 619-632), situada entre os séculos IV e II a.C. e, do mesmo modo, em Ovil, com registos pontuais mais antigos entre finais do século IV e o século III a.C. (SALVADOR; SILVA 2004: Figs. 42-44; SALVADOR; SILVA; RIBEIRO 2007: 33-36), se bem que a generalidade dos motivos tenham sido utilizados até ao século I da nossa era em ambos aqueles povoados. Não se possuindo por ora indicadores cronológicos mais seguros, parece-nos aceitável, como hipótese de trabalho fundada na morfologia e decoração cerâmica, propor um intervalo de ocupação proto-histórica no sítio do Castelo entre os séculos IV/III a.C. e a entrada na era cristã.

Para além da cerâmica, o registo de materiais proto-históricos em Crestuma cinge-se a duas peças de adorno em bronze, uma vez que não é possível identificar objetos da mesma cronologia entre as centenas de pesos de rede, mós, amoladores e outros líticos, considerando a falta de contextos estratigráficos e a dificuldade de classificação tipológica. Um desses adornos é um pequeno pendente maciço, em bronze, do tipo conhecido como *sanguessuga* (Fig. 6, n. 3) – designação tradicional que parece remontar a J. M. Pereira BOTO (1899: 28) – elemento de uma xorca, ou colar constituído por um aro tubular rígido. Mede sensivelmente 2 x 0,8 x 0,6 cm e tem o peso de 8,1 g e insere-se morfologicamente nos pendentes

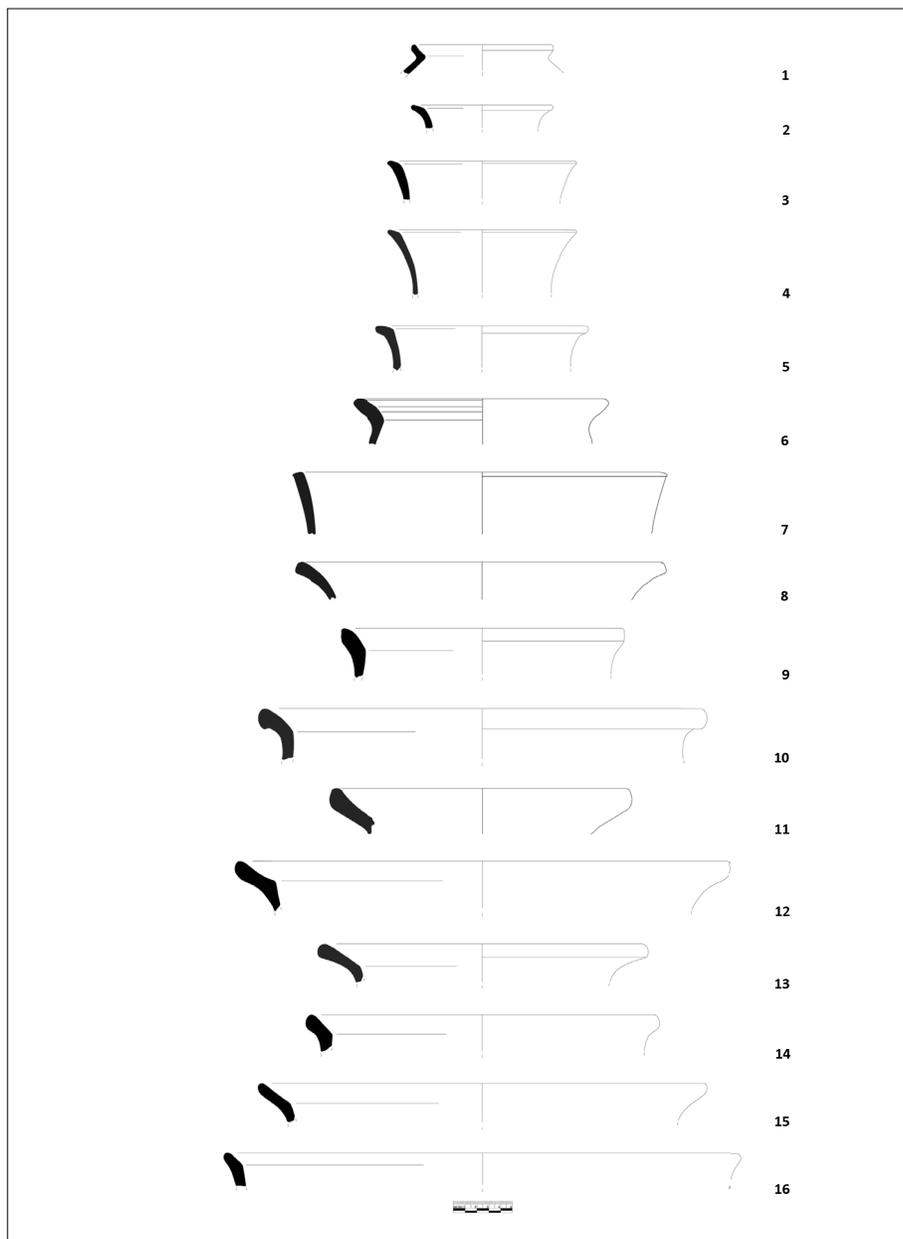


Fig. 3. Bordes de recipientes. Formas fechadas. 1. Potinho (Inv. 1185-45); 2 a 5. Púcaros/cântaros (1190-35; 824-000; 1151-8; 1154-000); 6 e 9. Pannels (48-42; 40-9); 7, 9, 10 a 16. Potes/Talhas (601-26; 601-24; 1151-7; 601-25; 1179-55; 1151-6; P-003; 1179-54; 1182-7). Desenhos: A. Marques / J. Larrazábal.

de tipo “bolsiforme”, segundo Mariano del AMO Y DE LA HERA (1978: 308-309).

Têm sido feitos alguns ensaios de cartografia e sistematização destas peças, nomeadamente por este último autor, que definiu dois grandes tipos morfológicos – as sanguessugas em forma de crescente lunar e as de tipo “bolsiforme” (*Ibidem*), e com especial enfoque na região portuguesa, por João Gomes e José Domingos (1983) que cartografaram 34 ocorrências na Península Ibérica. Ao mapa destes autores haveria hoje que acrescentar, pelo menos, os achados mais recentes de xorcas ou sanguessugas isoladas da Macarca, Nazaré⁵, um outro atribuído à região de Alcácer do Sal⁶, e os de Espinhaço do Cão, Alandroal (CALADO; MATALOTO; ROCHA 2007: 149), Castelo de Castro Marim (PEREIRA 2008: 75), Cabeço Redondo, Moura (SOARES 2012: 85-86), Freiria, Cascais (CARDOSO; ENCARNAÇÃO 2013: 160), para além das peças do Cabeço de Vaiamonte, Monforte⁷, e naturalmente a sanguessuga de Cres-

tuma, apenas no território português e sem pretensão de sermos exaustivos.

Duas notas finais, uma em relação à cronologia destas peças e outra acerca da sua distribuição geográfica. A generalidade dos autores data estes objetos de adorno entre o Bronze Final e a Idade do Ferro ou da 1.^a Idade do Ferro, admitindo-se em casos mais pontuais a sua perda em época mais avançada e mesmo até ao período romano (GOMES; DOMINGOS 1983: 292), possibilidade que aliás aceitámos inicialmente para a peça de Crestuma (SILVA; GUIMARÃES 2013: 18). Esta amplitude cronológica é também apontada, sem entrarmos em detalhes morfológicos, por A. C. Ferreira da Silva, que ilustra exemplares de Santo Estêvão da Facha e de Briteiros datados entre os séculos II a.C. e I d.C. (2007: Est. XCVII, 15-16) mas refere peças aparentemente da mesma tipologia em Baiões, com datação entre 900 e 700 a.C. (*Idem*: 278-279, gráf. 4). Não obstante, alguns contextos bem datados permitem estreitar a datação dos colares de sanguessugas num horizonte primordial entre os séculos VI e V a.C., sem prejuízo de alguma perduração posterior, cronologia que entendemos rever para o pendente de que aqui tratamos. Quanto à questão da distribuição geográfica destes ornamentos corporais, embora J. Gomes e J. Domingos contrariem a sugestão do predomínio das xorcas com sanguessugas nas regiões mais meridionais (1983: 291), basta observar o mapa que apresentam para verificar que, pelo menos na fachada atlântica

⁵ Cf. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=286051>. Consulta em 15.10.2016. O Museu Nacional de Arqueologia é o depositário da maior coleção destas peças. Uma pesquisa na base de dados nacional <http://www.matriznet.dgpc.pt> com o termo “sanguessuga” devolve três xorcas com número variável de pendentes e 14 sanguessugas soltas, enquanto a pesquisa de “xorcas” acrescenta esta sanguessuga da Nazaré e ainda um fragmento de xorca de Vaiamonte, ali classificado como romano.

⁶ Cf. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=119824>. Consulta em 15.10.2016.

⁷ Cr. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=142726> e endereços iguais com os números finais de Registo 1029179,

142680 e 142686. Consulta em 15.10.2016.

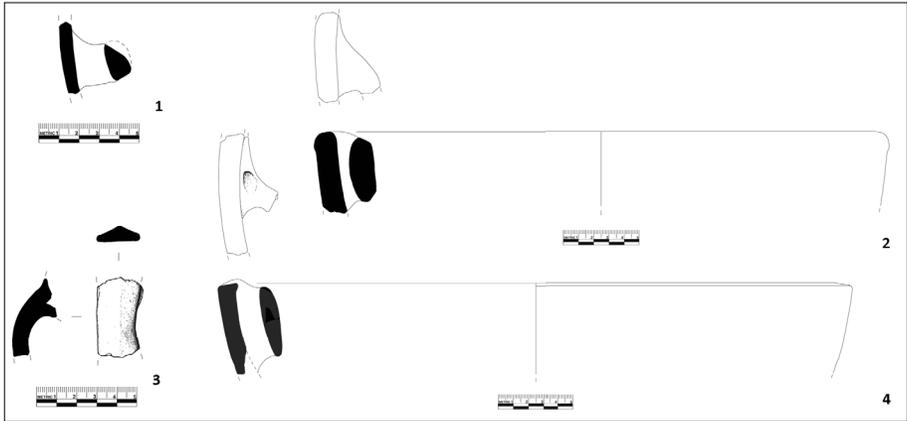


Fig. 4. Vasos de asa interior horizontal. 1 (Inv. 804-90); 2 (719-2); 4 (1179-48). Asa vertical de fita. 3 (1182-6). Desenhos: A. Marques / J. Larrazábal.

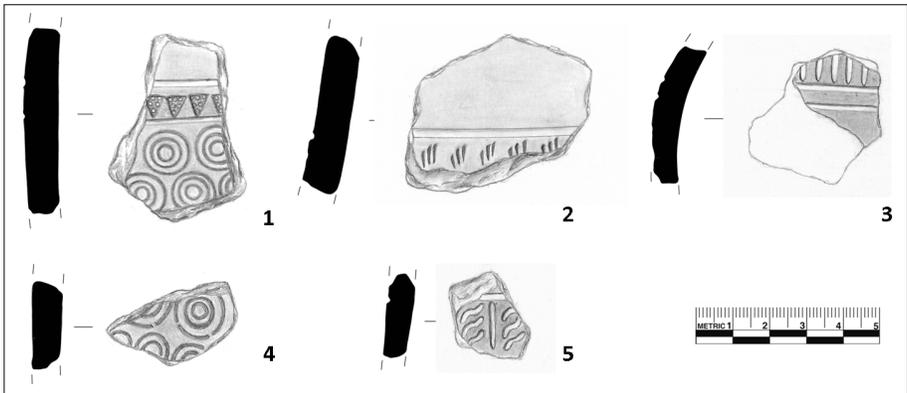


Fig. 5. Fragmentos decorados por estampilha e incisão. 1 (Inv. 804-84); 2 (803-23); 3 (803-76); 4 (803-73); 5 (804-85). Desenhos: A. Marques / J. Larrazábal.

da Península, há claramente maior densidade de achados a sul do rio Mondego, o que os achados mais recentes acima elencados só vêm reforçar.

O segundo objeto metálico recolhido em Crestuma enquadrável em tempos proto-históricos surgiu fragmentado em duas partes e levantou-nos dúvidas ainda não totalmente satisfeitas. Trata-se, por um lado, de um arco de fíbula em bronze, com nervura central, medindo 2,4 x

1,1 cm (Fig. 6, n.º 1), que analisámos primeiramente como objeto singular, parecendo-nos o fragmento de uma fíbula tipo Aucissa, de cronologia romana, se bem que não completamente concordante com a principal ocupação do Castelo de Crestuma, que é tardo-antiga. Por outro, um fragmento tubular do mesmo material, moldurado e com remate esférico, medindo 3,4 x 0,8 cm (Fig. 6, n.º 2), que numa primeira análise, anterior à sua

limpeza e tratamento laboratorial classificámos provisoriamente como um possível *acus crinalis* (SILVA; GUIMARÃES 2013: 10). Após estas ações, porém, a peça clarificou-se e trata-se certamente do apêndice caudal, terminado em balaústre, de uma fíbula tipo Sabroso, modelo com grande representação no sítio epónimo e larga distribuição peninsular⁸. Tudo indica assim, que se trate de dois fragmentos da mesma fíbula, já sem mola ou fuzilhão, se bem que a curvatura e as dimensões do arco pareçam algo desproporcionadas com respeito à cauda; aliás a circunstância de terem aparecido na mesma unidade estratigráfica mais reforça esta possibilidade. A cronologia das fíbulas tipo Sabroso, ou PONTE 22a, é bastante ampla, fixando-a esta última autora entre a segunda metade do século VII e os meados do século V até talvez o III a.C. (PONTE 2006: 221-224; SILVA 2007: 270-271).

3 – DISCUSSÃO. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS E PROPOSTAS INTERPRETATIVAS

A cartografia das ocorrências dos materiais proto-históricos de Crestuma revela, como vimos, uma concentração muito expressiva – 97% do total dos objetos – nos sectores intervencionados nas imediações do areal de Favais, no sopé noroeste do Castelo (Figs. 1 e 2).

Todos os materiais foram encontrados em contextos deposicionais secundários, decorrentes de processos de erosão coluvionar ou, eventualmente, de aterros intencionais. Curiosamente, os três objetos metálicos (o pendente em sanguessuga e os dois fragmentos da fíbula tipo Sabroso) são provenientes da mesma UE (unidade 10, do setor P), a par de significativa cerâmica micácea, mas ainda assim em pequena proporção face aos materiais tardo-antigos (SILVA *et al.* 2015: 155), pelo que não devemos atribuir a esta realidade particular significado, para além de tornar mais provável pertencerem à mesma fíbula o arco e o apêndice caudal referidos.

Em contrapartida, as sondagens efetuadas no topo da colina (setor A) e mesmo em plataformas intermédias (sectores C, E, T) não revelaram quaisquer estruturas ou depósitos de cronologia proto-histórica, sendo também raras as cerâmicas desta época (Tabela 1), o que parece levantar duas hipóteses: ou a ocupação da Idade do Ferro se concentraria na encosta noroeste do Castelo, ou porventura ter-se-ão verificado mobilizações de sedimentos, para aterro, provenientes de outra localização próxima. Se vier a confirmar-se a primeira possibilidade não deixa de causar estranheza a ausência quase total de materiais proto-históricos no setor E, a menos de 50 m dos setores N e P, onde são mais representativos (Tabela 1; Fig. 2). Será que a intensidade e as reformulações da ocupação tardo-antiga – nomeadamente pelas densas arquiteturas negativas que produziram, buscando a rocha firme para a abertura de tantos milhares de buracos de poste e outros entalhes –

⁸ Cf. por exemplo paralelos claros em PONTE 2006: 441, n.º 92 e SILVA 2007: p. 270-271; Est. C. Agradecemos a Vítor Hugo Torres, Técnico de Conservação do Museu Regional D. Diogo de Sousa (Braga), as oportunas sugestões feitas sobre esta peça.

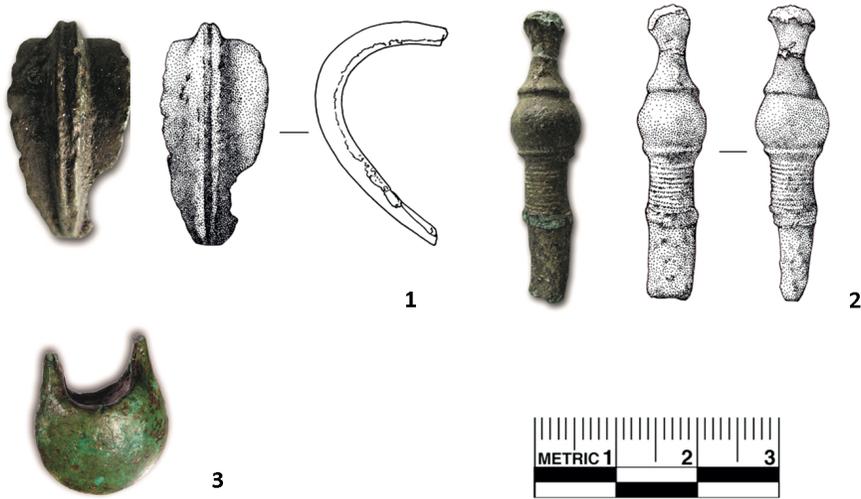


Fig. 6. Objetos em bronze. 1, 2 – Fragmentos de fíbula (Inv. 10-18; 10-9); 3 – Pendente de colar tipo sanguessuga (10-94). Desenhos: A. Marques; Fotos: M. Araújo.

foram tão profundas ao ponto de remover por completo os depósitos e outros restos materiais das comunidades precedentes? É sem dúvida uma questão desafiante e que não pode talvez deixar de estar na agenda de trabalhos futuros em Crestuma.

Permanece também em aberto a cronologia da ocupação proto-histórica do Castelo de Crestuma. Propusemos para o conjunto cerâmico, com base nas poucas formas identificáveis e num reduzido quadro de ornamentação impressa e incisa dos recipientes um intervalo entre os séculos IV/III a.C. e a entrada na era cristã, mas talvez os escassos achados metálicos evoquem momentos um pouco mais antigos dentro da Idade do Ferro, não sendo também de descartar a eventualidade da fíbula e do presumível colar de sanguessugas, de que só se localizou um pendente, poderem ter sido conservados em uso mais tempo por serem objetos execio-

nais, ou porventura até para eventual refundição da matéria-prima, o que talvez seja menos plausível.

Todo este conjunto artefactual documenta mais um sítio com ocupação proto-histórica na bacia terminal do rio Douro, levantando questões complexas quanto à sua cronologia, modalidade de ocupação, relação com as estruturas negativas que enxameiam o local ou mesmo com o fosso ali existente e outros aspetos, razões que justificaram este breve estudo introdutório e que acreditamos possa servir de base a novos olhares sobre o Castelo de Crestuma.

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, J. de; SANTOS, A. I. P., coord. (1996) – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* Lisboa: Ministério da Cultura

- ALMEIDA, C. A. F. de (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens até 1220*. Trabalho complementar para apresentação de provas de doutoramento em História da Arte à Faculdade Letras da Universidade do Porto
- ALMEIDA, C. A. F. de (1989) – Castelos e cercas medievais, séculos X a XIII. In MOREIRA, Rafael, dir. – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Alfa, p. 38-54
- ALMEIDA, C. A. F. de (1992) – Castelos medievais do Noroeste de Portugal. In *Finis Terrae. Estudos em Lembrança do Prof. Dr. Alberto Balil*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 371-385
- AMO Y DE LA HERA, M. del (1978) – El Castañuelo. Un poblado céltico en la provincia de Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 4, p. 299-340
- BOTO, J. M. P. (1899) – *Glossário critico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique...* Vol. 1. Faro: Typ. E. Seraphim
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A. (2007) – Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN SOLDEVILA, I. (eds.) *Arqueologia de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*. Cáceres: Serv. Publicaciones de la UEX, p. 129-179
- CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. de (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira Arqueologia*. 2. Vila Franca de Xira, p. 133-180
- CARDOSO, L. (1751) – Crestuma. In *Diccionario Geografico, ou Noticia historica de todas as cidades, villas, lugares...* Lisboa: na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, tomo 2, p. 755
- CENTENO, R. (2011) – *O Castro de Romariz (Aveiro, Santa Maria da Feira)*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal
- CENTENO, R.; OLIVEIRA, Ana (2008), coord. – *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal
- GOMES, J. F.; DOMINGOS, J. B. (1983) – A “xorca” da serra das Ripas (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 1, p. 287-299
- GUIMARÃES, J. A. G. (1993a) – Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*. *Lucerna*. Porto, 2.ª série, n.º 3, p. 217-235
- GUIMARÃES, J. A. G. (1993b) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal/Solar Condes de Resende
- GUIMARÃES, J. A. G.s; GUIMARÃES, Susana G. (2001) – O Castelo de Crestuma, uma estação arqueológica quase desconhecida. *Al-madan*, Almada, 2.ª série, n.º 10, p. 43-47
- LEAL, A. de P. (1874) – Crestuma. In *Portugal Antigo e Moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico...* Lisboa: Livraria Editora Mattos Moreira & C.ª, vol. 2, p. 447-448
- MARTINS, M. (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Universidade do Minho
- PEREIRA, T. M. (2008) – *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- PONTE, S. da – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006
- SALVADOR, J. F.; SILVA, António M. (2004) – *O Castro de Ovil e o povoamento da região de Espinho da proto-história à romanização (...). Relatório final de Trabalhos Arqueológicos*. Espinho: Câmara Municipal

- SALVADOR, J.; SILVA, A. M. (2010) – O Castelo de Ovil (Espinho), um povoado da Idade do Ferro. In PINTO, F. S., coord. – *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, p. 53-73
- SALVADOR, J. F.; SILVA, A. M.; RIBEIRO, A. C. (2007) – *Avaliação de Impacte Arqueológico do Centro Interpretativo do Castelo de Ovil (...). Relatório Final do Projecto de Valorização*. Espinho: Câmara Municipal
- SILVA, A. M. S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- SILVA, A. M. S. P. (2007) – *Revisão do Plano Director Municipal de Vila Nova de Gaia: Património Arqueológico; Património Geomorfológico. Relatório Final*. Vila Nova de Gaia. Disponível em <http://www.gaiurb.pt/pdm.htm#pdm5>
- SILVA, A. M. S. P. (2013) – Arqueologia do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). Resultados preliminares da campanha de 2013. *Revista de Portugal*, 10. Vila Nova de Gaia, p. 5-13
- SILVA, A. M. S. P. (2014) – El Castillo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Portugal). Entre la romanidad tardía y la edad media: los retos de un sitio complejo. In *Las fortificaciones en la tardoantigüedad: Elites y articulación del territorio (siglos V-VIII d.C.)*. Madrid: La Ergástula, p. 389-399
- SILVA, A. M. S. P.; GUIMARÃES, J. A. G. (2011) – O Castelo de Crestuma revelado pela arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 73. Vila Nova de Gaia, p. 5-13
- SILVA, A. M. S. P.; GUIMARÃES, J. A. G. (2013) – *Castelo de Crestuma: a arqueologia em busca da história*. Vila Nova de Gaia: Águas e Parque Biológico de Gaia, EM/ASCR – Confraria Queirosiana
- SILVA, A. M. S. P.; PEREIRA, P.; CARVALHO, T. P. (2015) – Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal): primeiros elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XI). In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (Silves, 2012)*. Silves: Câmara Municipal; Campo Arqueológico de Mértola, p. 401-419
- SILVA, A. M. S. P.; GUIMARÃES, J. A. G.; PINTO, F. M. S.; SOUSA, L.; LEITE, J.; LEMOS, P.; PEREIRA, P.; TEIXEIRA, M. de F. (2017) – O projeto CASTR'UÍMA (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para um balanço prospetivo. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea – *Arqueologia em Portugal 2017 - Estado da Questão. Atas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, p. 137-154
- SILVA, A. C. F. (2007) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2.ª ed. revista e atualizada. Paços de Ferreira: Câmara Municipal [1.ª ed. 1986]
- SOARES, R. M. (2012) – *O Cabeço Redondo. Um edifício da idade do ferro pós-orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, A. de (1945) – Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana [...]. *Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid, Año 10, 2, p. 399-412
- SOUSA, A. de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa*. Rio de Janeiro